

2 AGO 1995

DESAQUECIMENTO

ONDE A CRISE BATE MAIS FORTE

Impacto é maior na indústria e na agricultura

O governo demorou para frear o forte aquecimento da economia até março e, quando o fez, foi de forma muito brusca. Resultado disso, analisa o economista Paulo Nogueira Baptista Jr., da FGV, o País passa por uma fase de muita instabilidade no ritmo da atividade econômica, com aumento da inadimplência e das concordatas.

O impacto da desaceleração foi maior e mais rápido na indústria e agricultura. Os setores industriais mais atingidos foram os mais competitivos e menos capitalizados, como calçados e artigos têxteis. A crise na agricultura motivou, por sua vez, demissões na indústria de adubos (veja matéria abaixo). Fabricantes de automóveis reduziram a produção, por causa dos estoques: no dia 20 de julho, tinham 184 mil carros nos pátios. Planos de investimento de US\$ 6 bilhões foram

anunciados pelas montadoras, mas contando com financiamento externo e com vistas ao longo prazo. No curto prazo, a redução na produção de carros afetou setores como aço, ferro, tintas e tecidos, diz o presidente da CNI, Mário Amato.

Têxtil: aperto CONCORRÊNCIA CRESCEU

Outros setores, em contrapartida, seguraram os investimento, com impacto sobre as vendas de máquinas. No setor têxtil, diz Amato, a situação é mais difícil, por causa da concorrência dos importados. O setor de não-ferrosos também foi afetado.

“O plano trouxe a estabilização monetária (queda da inflação), mas não a estabilização

econômica”, diz Nogueira Baptista, em cuja opinião o desaquecimento vai continuar. Para o economista Flávio Nolasco, da Brasilpar Recursos Financeiros, a recessão está apenas começando. “Quando há um desajuste no balanço de pagamentos, o governo pode reduzir a atividade ou mexer no câmbio”, explica. Como não deve ajustar o câmbio, a atividade tem que cair para reduzir a importação”.

Na avaliação do economista José Augusto Arantes Savasini, da Rosenberg & Associados, o desaquecimento vai crescer por causa do efeito da crise no campo. “Os agricultores estão endividados, vão usar seus recursos para plantar e não terão dinheiro para o consumo”, diz. Segundo a Organização das Cooperativas do Paraná, a dívida agrícola é de US\$ 6,1 bilhões, ou 40% da receita da última safra. (G.P.)

Arquivo/AE



Amato: redução na produção de carros afeta outros setores